

Choque de civilizações, versão russa

José Pedro Teixeira Fernandes, *Público*, 21 de Março de 2022

1. Enquanto cultura direccionada para o futuro, o Ocidente já foi duas vezes apanhado de surpresa no século XXI ficando sob efeito de choque. A primeira, foi a 11 de Setembro de 2001, com os atentados terroristas nos EUA contra o World Trade Center em Nova Iorque e ao Pentágono, em Washington, ambos perpetrados pela Al-Qaeda. A segunda, foi a 24 de Fevereiro de 2022, com a invasão da Ucrânia pelos exércitos da Rússia. Apesar das diferenças substanciais, há um traço comum entre ambos: um passado que se imaginava longínquo e encerrado irrompeu abruptamente no presente. Num caso, foram islamistas-jihadistas que praticaram actos de terror em nome de um ideário medieval islâmico, por si reapropriado, do qual a grande maioria dos ocidentais nunca tinha ouvido sequer falar. No outro, foi uma grande potência estadual — a Rússia, sucessora da poderosa União Soviética — que voltou a usar a guerra como instrumento político, de uma forma crua e sem qualquer respeito pelo Direito Internacional, fazendo lembrar o século XIX europeu.

2. Uma das maiores dificuldades em estabelecer entendimentos entre a humanidade é que os mesmos acontecimentos tendem a ser interpretados de formas muito díspares. Isso ocorre devido a quem os vê estar inserido em ambientes culturais, sistemas de valores ou ou perfilhar concepções ideológicas divergentes. Podem daí não resultar consequências de maior, apenas mal-entendidos embaraçosos socialmente. Todavia, quando se trata de questões políticas de primeira grandeza, o impacto é muito mais sério e profundo. Pelas referidas razões culturais, de valores ideológicas, no Ocidente a grelha de leitura do mundo é largamente direccionada para o futuro. Está impregnada da ideia de um progresso geral da humanidade, de que o novo é melhor que o antigo, de que as inovações tecnológicas trazem um aumento de bem-estar e formas de vida superiores, de que as transformações sociais e de valores são um contínuo progresso moral e espiritual. É por isso que o Ocidente vê a democracia liberal, os direitos humanos, a economia de mercado e as sociedades multiculturais pós-nacionais como a forma última e mais elevada de progresso humano. Tendencialmente, o que é bom para o Ocidente é bom para a humanidade.

3. No mundo globalizado do século XXI é observável que o Ocidente enfrenta, cada vez mais, concorrência para definir o que “é bom para a humanidade”. No Islão, onde existe uma similar ambição e vocação universalista, muitas das ideias ocidentais são usualmente olhadas com suspeição ou rejeitadas, em muitos casos de forma pacífica, noutros de forma violenta. Em partes substanciais da humanidade, como na China, contesta-se também, sob formas e em graus variáveis, o destino que os ocidentais lhe apontam como bom. O que aos olhos do Ocidente parece ser a única forma de vida humana decente e aceitável no mundo contemporâneo (democracia liberal + economia de mercado + direito humanos + sociedades multiculturais pós-nacionais) gera, na prática, em várias partes do mundo, por razões complexas, contestação e resistência.

Inevitavelmente, daí ocorrem atritos e, nos casos piores, violência. Agora foi a Rússia que se encarregou de mostrar, de forma radical e violenta, que se pode viver no século XXI com um armamento poderoso e sofisticado — incluindo com um enorme arsenal de armas nucleares —, mas com um sistema cultural, de valores e ideológico, o qual, visto do Ocidente, choca profundamente pelo seu passadismo: obsessão pelo território, orgulho nacionalista, rejeição do liberalismo pós-moderno.

4. Na sociedade russa pós-soviética, que perdeu o cimento ideológico do comunismo, parece ter-se enraizado a ideia de a Rússia ser uma civilização distinta do Ocidente e em antagonismo permanente com este. Como explicou Olga Malinova, na Rússia há um discurso civilizacional que “demonstra uma dialéctica específica de aspectos de política interna e externa. Desde os anos 1990, o conceito de ‘civilização’ tem sido cada vez mais utilizado para a descrição da identidade russa pós-soviética nos discursos académicos e públicos. Tem também penetrado na retórica política”. Em 2012, durante a campanha eleitoral de Vladimir Putin, a Rússia foi “conceptualizada em oposição a outras civilizações, como ‘uma civilização multiétnica única que está ancorada no núcleo cultural russo’. Desde então Putin voltou a essa ideia várias vezes nos seus discursos e entrevistas, dando assim uma espécie de bênção semi-oficial ao conceito da natureza ‘civilizacional’ da identidade russa” (in Kåre Johan Mjør e Sanna Turoma, eds. *Russia as Civilization: Ideological Discourses in Politics, Media and Academia*. Routledge, 2020, pp. 27 e 28). Nesse discurso civilizacional, o Ocidente emerge como um rival e inimigo da identidade e interesse geopolítico da Rússia. Alimenta-se da história e especificidades da Rússia, que é um Estado-império com uma trajectória singular, sem paralelo com a evolução ocorrida no Ocidente europeu. Ao mesmo tempo, existe uma instrumentalização feita pelo Governo de Vladimir Putin para objectivos políticos do presente, como se vê na contestação da Ucrânia como uma nação diferente dos russos. Como seu autoritarismo e controlo da informação afasta outras leituras plurais do passado e da identidade russa, monopolizando a narrativa.

5. Estamos a assistir a um choque de civilizações, versão russa? [A invasão da Ucrânia pela Rússia](#) e a fortíssima reacção ocidental anti-russa fazem levantar a questão de novo. Inevitavelmente, leva-nos a olhar para o trabalho maldito de Samuel P. Huntington, efectuado nos anos 1990, cujo título difundiu a expressão. Após o 11 de Setembro de 2001, originou fortes críticas por sugerir um choque do Ocidente com o Islão. A utilização política do conceito de civilização(es) foi contestada — é algo difícil de definir e estas são também plurais e heterogéneas, não monolíticas. Outras duras críticas foram efectuadas ao livro, apontado o seu carácter ideológico e o recurso “passadista” a autores e ideias que previam a decadência civilizacional do Ocidente na primeira metade do século XX (Oswald Spengler, Arnold Toynbee). Todavia, não é o Islão que está em causa hoje, mas a Rússia — um Estado-núcleo na terminologia Samuel P. Huntington. Ironicamente, qualificou-a como núcleo de uma civilização eslavo-ortodoxa distinta do Ocidente, lembrando a retórica civilizacional usada por Vladimir Putin (na altura era um desconhecido sem qualquer papel político de relevo na Rússia). Mas talvez o mais surpreende no livro de 1996 seja a engrenagem do conflito russo-ucraniano estar aí descrita com uma actualidade que impressiona: “A questão da secessão foi levantada

pela primeira vez a propósito da Crimeia. O seu povo, 70% russo, apoiou consideravelmente a independência da Ucrânia em relação à União Soviética no referendo de Dezembro de 1991. Em Maio de 1992 o parlamento da Crimeia também votou uma declaração de independência face à Ucrânia que, posteriormente, por pressão deste país, foi anulada. No entanto, o parlamento russo votou a anulação da cedência da Crimeia à Ucrânia em 1954". Quando ao futuro da Ucrânia, citava um general russo que afirmava: "em cinco, dez ou quinze anos, a Ucrânia, ou melhor, a Ucrânia oriental, voltará para nós. A Ucrânia ocidental que vá para o inferno" (ver *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*, trad. port, Gradiva, 1996, pp. 195-196). Numa época onde se pensava estar no "fim da história" (Francis Fukuyama), no sentido do triunfo da democracia capitalista liberal, ninguém no Ocidente ligou muito ao profundo ressentimento russo que germinava desde 1991. A Rússia pós-soviética era fraca e só tinha um caminho: a democracia capitalista liberal. Agora estamos a ver a Rússia em choque frontal com os valores ocidentais e a Ucrânia a descer ao inferno da guerra.

<https://www.publico.pt/2022/03/21/mundo/analise/choque-civilizacoes-versao-russa-1999519>